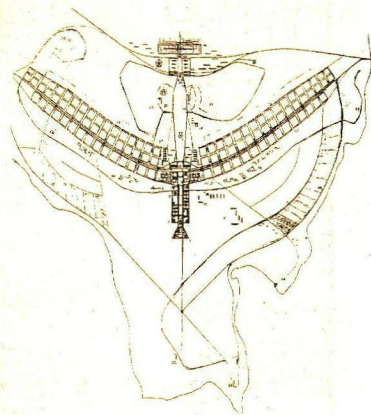
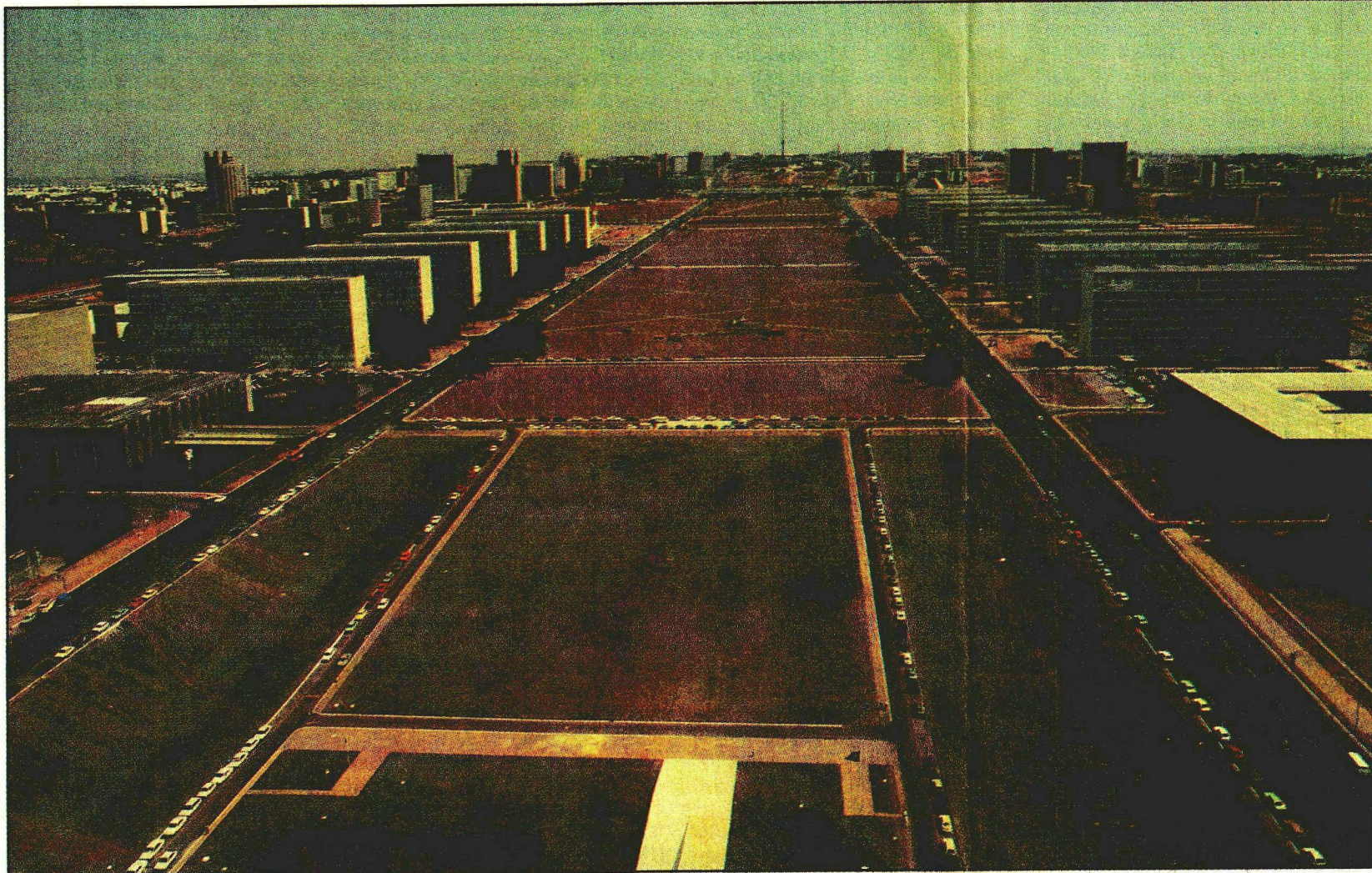


Brasília, uma utopia desfeita



Capital do Brasil completa 40 anos temendo ser invadida e perder a identidade

Eduardo Barcellos/Image Bank



Esplanada dos Ministérios em Brasília, com a Torre de TV ao fundo: projeto racionalista de Lucio Costa e Oscar Niemeyer

LUÍS ANTÔNIO GIRON
de Brasília

Os pneus das carroças riscam a rua atrás do Palácio do Planalto por volta das 13 horas. É uma procissão que percorre o Eixo Monumental, jóia de Brasília. Discreto, o préstito envolve centenas de pessoas. Algumas esperam, em pontos estratégicos; outras contêm os cavalos e apeiam. O alvo é um só: o lixo acumulado pelos três poderes que comandam a Nação.

Os funcionários da limpeza dos palácios e do Congresso Nacional depositam os sacos em aparadores de metal, dispostos nos fundos dos prédios anexos. Os seguranças assistem indiferente à cena repetitiva. João Carlos Souza Santos, de 18 anos, é um dos muitos que se ocupam em remexer nos sacos para buscar os papéis. Como não é lixo seletivo, usa uma luva de plástico transparente para fazer a triagem. Mas a pressa faz com que jogue de tudo na carroça. “Depois, as mulheres selecionam melhor”, diz. Leva a mercadoria a um local perto da luxuosa Academia de Tênis. Chama-se Cerrado do 28, informa o catador. Lá, vivem “umas 150 famílias”. João está em Brasília desde janeiro. Veio com os pais e os nove irmãos da cidade baiana de Barreiras, a 600 km de distância. “Quem me trouxe foi um tio, que já tinha o negócio de papel. Ele disse que dava para faturar e viemos.” Não se arrependeu: “Moro num barraco, ganho o meu”. Adorou o clima de Brasília, o sistema de saúde e

as oportunidades. Tentou se matricular numa escola, mas era muito longe. “Ficava na Asa Norte, eu perdia muito tempo.” O pai o ajudou a comprar o velho cavalo branco, batizado de Ferrari, que puxa a carroça. E jura que está fazendo dinheiro, com a venda do papel para um caminhão que aparece lá no 28. João diz que já fixou residência. “Daqui não saio, não!”

O trabalho de João e companheiros termina às 20h. O cenário de sacos de lixo esfaļalhados nos fundos da Esplanada dos Ministérios é nada monumental. A administração regional calcula que 440 pessoas vivem de coleta do lixo na região do Plano Piloto, coração do Distrito Federal, projetado e construído para ser o logotipo do Brasil futuro — a “capital da esperança”, nos dizeres de seu idealizador, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976). Os catadores de lixo representam hoje uma parcela ínfima do fenômeno desencadeado por JK no fim dos anos 50: a migração de milhões de pessoas para o Planalto Central, com promessa de uma nova vida com a fundação da capital no sertão goiano. A história é conhecida: gente de todo o país, sobretudo da região Nordeste, chegou para erguer a cidade dos sonhos de JK. A população pobre — os candangos — se acomodou na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, e se espalhou pelos 5,8 mil quilô-

metros quadrados do quadrilátero que forma o Distrito Federal. Nasceram as cidades-satélites, termo abolido por decreto de 1997. Hoje elas fazem parte de 19 unidades administrativas, 14 delas pertencendo ao Entorno, neologismo que designa o cerco de miséria e violência que tem ameaçado o Plano Piloto. Não há favelas em Brasília. Aqui, elas recebem o apelido de “invasões”. E há às centenas, incontroláveis, que surgem em terrenos considerados de segurança ecológica, ou mesmo nacional. O Instituto de Planejamento Territorial e Urbano do DF postula a “flexibilização” da ocupação. Em janeiro, segundo dados do governo local, o Distrito Federal atingiu 2 milhões de habitantes e a estimativa de que até

A população do Plano Piloto é menor que a projetada por Lucio Costa e Niemeyer

julho sejam mais 20 mil. Segundo a Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central, o Plano Piloto original conta hoje com 289.289 habitantes — número inferior ao projetado por Lucio Costa e Oscar Niemeyer para a “capital do ano 2000”: 500 mil “almas”, como se dizia em 1957. A dupla tentou criar um centro administrativo, farol de progresso para o interior do Brasil, segundo a utopia de JK. Apesar de mesmo o atual presidente, Fernando Henrique Cardoso, desejar tal condição, Brasília dorme em sonho amargo. Diferente de conviver amigavelmente na “civitas” de Lucio Costa, a classe média habita

uma maquete constantemente ameaçada, e devota parte do cotidiano a discussões técnicas sobre arquitetura e urbanismo, isso quando não está consumindo nos sete shopping centers pós-modernos, construídos nos últimos cinco anos. Lucio, Oscar e JK formam uma tríade santa para a “intelligentsia” local, quase toda reunida na Universidade de Brasília. Caso um prédio rompa o gabarito modernista, os urbanistas de plantão ligam para o único sobrevivente da tríade. “Oscar continua mandando aqui” — a frase é ouvida nas melhores cátedras da cidade.

Niemeyer teme que Brasília seja invadida por hordas de flanelinhas, catadores de papel, sem-tetos e peões, neocandangos que venham a descaracterizar a cruz riscada na prancheta de Lucio Costa, base para a estrutura do Plano Piloto. “Brasília deveria ser protegida do excesso de gente”, diz O arquiteto, como a espelhar o desejo dos moradores do Plano Piloto. Ele concluiu as maquetes para preencher um dos mais flagrantes vazios da cidade: o “setor cultural”, descampado entre o Teatro Nacional e a catedral onde está instalado um circo. “Sua integridade tem que ser preservada.”

O fato é que, em 1989, Brasília foi inscrita como Patrimônio Universal da Humanidade pela Unesco. Virou cidade histórica sem ter sido concluída. Hoje, não parece “urbs” e muito menos “civitas”: é um monumento inacabado, cercado pela multidão.

(Leia mais na pág. 2 do caderno)